

A variante do português falado por falantes de língua materna ciwutee: caso de alunos da 9ª classe na Escola Secundária Geral de Marera - Macate

Amade Assane Ossufo*

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0001-7583-809X>

José Luís Dias **

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-6562-5904>

RESUMO

O presente artigo aborda a questão da variação da língua portuguesa falada por alunos cuja língua materna é o Ciwutee, mais especificamente em alunos da 9ª classe na escola secundária de Marera no distrito de Macate em Manica. A pesquisa foi induzida pelo interesse em estudar a variante gerada da co-ocorrência da língua portuguesa com a língua Ciwutee nas localidades circunvizinhas da cidade de Chimoio onde a língua materna é a Ciwutee. Esta variação diatópica, gera para os seus usuário uma identidade na pronúncia do português que muitas das vezes pode gerar uma discriminação por parte dos usuários de outras variantes e com vista a trazer algum esclarecimento em relação a alguns dos elementos que são de extrema implicância para a existência desta variante, optou-se por perguntas de pesquisa que tinham por partida desvendar os elementos que geram a variação da pronúncia nestes falantes e o seu comportamento na coabitação e coocorrência. A pesquisa foi de abordagem dedutiva com procedimentos quanti-qualitativos, tendo sido selecionados e aplicados a entrevista e o questionário como os principais métodos de recolhas de dados com vista a estudar os elementos destacados como origens para esta variação, tendo levado estas ferramentas a conclusões de que a origem desta variação está ligada a elementos de natureza lexical da língua Ciwutee, as palavras usadas para nomear e/ou descrever objetos, ações e mais, geram a presença de alguns sons, pontos e modos de articulação peculiares aos existentes na língua portuguesa, e durante a coocorrência/coabitação destas línguas, muitas destas peculiaridades são transportadas para a língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE:

Variação; Pronúncia; Português; Ciwutee; Alfabeto fonético

The portuguese variant spoken by speakers of maternal language ciwutee: case of students of grade 9 on the Marera secondary school - Macate

ABSTRACT

This article approaches the matter of the variation of Portuguese language, spoken by students whose mother tongue is Ciwutee, more specifically on grade 9 students at Marera Secondary School in Macate district, Manica. The research was conducted by the desire of studying a variant generated from the co-occurrence of Portuguese language and Ciwutee in the surroundings localities of Chimoio city where the mother tongue is Ciwutee. This diatopic variation, brings forth to their users an identity in the pronunciation of Portuguese which can in many times generate a discrimination from the users of other variants and with the

* Estudante do curso de licenciatura em ensino de Português na Universidade Púnguè – Faculdade de Letras, Ciências Sociais e Humanidades. Chimoio. E-mail: amadeassane.o.a@gmail.com

** Co-supervisor, Doutorado em Inovação Educativa; Docente do Instituto Superior Politécnico de Manica (ISPM) – Divisão de Economia, Gestão e Turismo, Distrito de Vanduzi – Posto Administrativo de Chiremera – Moçambique. E-mail: dias.jose34@gmail.com

purpose of bringing an enlightenment in relation to some elements which are of extreme importance to the existence of this variant, were used research questions that were meant to unveil the elements which brings forth the variation of the pronunciation on these speakers and their behavior in the cohabitation and co-occurrence. The research was of a deductive approach with quanti-qualitatives procedures, being selected and applied the interview and questionnaire as the main methods of data collection with the purpose of studying the elements detached as origin to this variation, having taken these tools to conclusions that the origin of these variation is connected to the elements of lexical nature of ciwutee language, the words used to name or describe objects, actions and more, generate the presence of some sounds, dots and ways or peculiar ways of articulation existents in Portuguese language, and during the co-occurrence/cohabitation of these languages, many of these peculiarities are transported to Portuguese language.

KEYWORDS

Variation; Pronunciation; Portuguese; Ciwutee; Phonetic Alphabet

Kusiyana kwe ciputukezi cinorekethwa nge areketi e mareketero e ciwute: nyaya dze afundi e bhuku re ci 9^a mwe pa cikora ce mabhuku e pakati ce Marera- Macate

CIGWAGWA

Ruziyo uwu unophashanura nyaya ye musiyaniso we mareketero e ciputukezi, anorekethwa nge afundi anoseenzesa mareketero e Ciwute, nyanye-nyanye afundi e bhuku re ci 9^a mwe pa Cikora ce Mabhuku e Pakati-ne-pakati ce Marera, mu dishitiritu re Macate mu Manica. Kukwarakwatisa uku, kwakayithwa nge kuzvipira kuda kufunda kusiyana kunokonzerhwa nge mareketero we ciputukezi pamwepo ne ciwute mu mitanha ye mudhuze ne thawundi re mu Chimoio, umu mekuti mareketero we kutanga ngewe Ciwute. Musiyaniso uwu we ciyanhu, unowunza ku ayiti, kupangidza pacena mukureketa ciputukezi, izvo zvekuti zvinowunza kushora ku areketi e musiyaniso yimweni, asi ngekudazve kuwunza pacena ruziyo umweni wakakosha mukururhwa ke musiyaniso uwu, zvakayita nyore kuwunza mibvunzo ye kukwarakwatisa iyo yanga yine donzo re kubudisa pacena izvo zvinowunza musiyaniso ye mareketero ku areketi pamwepo ne tsika mukurarama ne mukuyita. Kukwarakwatisa uku kwakawa ke ruziwo wakapunguka kwakavengana ne gwanza re uwandu-mukurongeka, izvo zvakayita kuti parongedzwe ne kuyithwa phashanuro ye mibvunzo, ariwo makwanza e kukohwa magumo, kurikuda kufunda zviro zviru mukuwamba ke misiyaniso iyi, zvakayita kuti patorhwe zvidziyo zvine magumo e kuti maambo e misiyaniso iyi aka ringana ne zvipangidzo zvekubva mu maambo e mareketero e Ciwute, mazwi anoseenzeswa pakuda kupangidzira kana kupanganidza zvidziyo, zviito ne zvimweni, zvinowunza mazwi amweni, mbuto ne mishobo ye kududza mazwi ekuti akatenderhwa uye arimo mu ciputukezi, uyezve mukuyirikira/mukati me mareketero uwu, mazhinji e mazano anoyendeswa mu mareketero e ciputukezi.

MASOKO E BAMBISO

Kusiniswa; Mareketero; Ciputukezi; Ciwute; Mabhiereketero

Introdução

A Língua Portuguesa sendo uma língua viva, tem vindo a mudar constantemente desde a sua expansão, fato que não se exclui Moçambique dentro desse processo. Nessas variações, têm-se destacado algumas mudanças principalmente na pronúncia da língua portuguesa, o que orienta o estudo das causas, para um possível balanceamento do seu comportamento em questões

ligadas a coabitação e coocorrência, seus problemas no seio da sociedade, visto que variação provoca certo impacto nos seus usuários devido à sua inconstância durante a comunicação.

As variações em muitas das vezes, criam ou propiciam um ambiente de etnocentrismo linguístico, pois as razões das variações são uma novidade para quem não está inteirado nesta área de estudo. Ao se falar de ensino bilíngue, pouco se fala de como o ambiente social e escolar pode ser diversificado por razões de diversa proveniência dos integrantes destes espaços, pois, nos últimos tempos tem-se verificado altos índices de migração interna em que dentro do nosso território os habitantes têm tido a tendência de migrarem para lugares onde se centram suas oportunidades de emprego, de melhor formação acadêmica e de maior urbanidade, tanto é essa imigração que não existe ou quase não existem comunidades homogêneas, o que por vezes tem causado ridicularização devido a certos sons produzidos pela minoria/vientes, ou pela dificuldade de certos usuários da língua de pronunciarem consoantes que não fazem parte da fonética Bantu de sua língua materna.

No presente artigo propõe-se tratar especificamente da constituição do alfabeto fonético-fonológico, usando símbolos do IPA de modo a permitir uma melhor percepção dos sons que serão apresentados com vista a trazer evidências do processamento do fonológico, típico dos falantes de língua materna Ciwutee, sendo que estudar a variante do português falado pelos falantes do Ciwutee é o objetivo principal do mesmo artigo, repartindo-se especificamente em Identificar as causas da pronúncia típica dos falantes do Ciwutee, verificar as divergências entre o português europeu e o português produzido por alunos falantes do Ciwutee, Comparar o alfabeto fonético português e o alfabeto fonético do Ciwutee, em coadjuvação aos objetivos, foi aplicado o método de procedimento misto (quantitativo) nos dados obtidos por meio da entrevista e questionário a uma população e amostra que incluíam alunos e professores da 9ª classe na escola em alusão.

Falar deste tema torna-se relevante a medida que ajuda no combate ao etnocentrismo linguístico e a discriminação linguística a nível das sociedades e principalmente nas escolas, como dizia-se anteriormente, ao falar-se da introdução do ensino bilíngue, pouco se fala que atualmente as escolas moçambicanas são linguisticamente heterogêneas e ao pensar-se em implementar esta modalidade de

ensino há a necessidade de se observar que numa escola em que se deseja implementar, por exemplo, o Ciwutee e a língua portuguesa, podem haver alunos cuja língua materna não é o Ciwutee e vice-versa. Entender como se processam as línguas maternas a nível fonético-fonológico seria de muita valia na busca de melhores abordagens para o ensino bilíngue.

Este artigo apresenta conteúdos que subsidiam o conhecimento da composição fonético-fonológica da língua em questão e estes conteúdos estão apresentados em quatro partes. A primeira é referente aos aspectos introdutórios. Em seguida, apresenta-se uma seção que visa apresentar uma revisão literária a respeito de conceitos orientadores do estudo. A terceira parte é constituída pela apresentação da metodologia usada. Por fim, apresentar-se a análise e discussão dos dados e considerações finais.

1.A variação linguística do português: o caso de Moçambique

A língua como um instrumento de comunicação na relação interpessoal e do dia-a-dia de toda a sociedade, aliena-se como um fenômeno humano em que somente o Homem pode fazer uso dela, mas como sendo algo fluentemente usado para a comunicação do homem, toda a língua existente está sujeita a desvios que nos inserem numa demanda entre o falar certo e falar errado uma língua. Para Castilho (n.d.), para encaminhar esta questão de falar certo e de falar errado, precisamos inicialmente nos perguntar como as línguas naturais – como o Português – funcionam na sociedade.

No processo de busca por uma resposta que satisfaça essa demanda, esta parte do artigo interessa-se em abordar acerca da variação linguística do português, no caso particular de Moçambique buscando elucidar estudos e conceitos que nortearam o avanço desta pesquisa.

Segundo Timbane (2013) as Línguas Bantu faladas em Moçambique eram chamadas de “dialetos”, termo preconceituoso que foi herdado do sistema colonial que continua prevalecendo até aos dias de hoje. Autores como Dias (2009), Ngunga (2007), Timbane (2013) e muitos outros discordam que o Português Europeu seja o “*padrão mais certo*” defendendo que a variante moçambicana tem características próprias a nível: fonético, morfológico, sintático, semântico e lexical.

Os estudos provam que o PM é uma variedade diferente do PE e seu estudo precisa ser mais aprofundado, procurando cada vez mais espaço para a sua afirmação legal – a padronização. “Falar de uma variedade é apenas reconhecer a existência de um ou de vários conjuntos de diferenças, de uma ou de várias variedades, e recusar estabelecer entre essas variedades numa hierarquia” (Timbane, 2013, p.95).

Esses fenômenos linguísticos (as variações) são causados pelo contato entre línguas, pelo surgimento de realidades sociais, culturais, políticas e econômicas bem diferentes ou mesmo pela diferença de classes sociais. Com isso, entende-se por variação linguística a forma como uma determinada comunidade linguística se diferencia de outra, sistemática e coerentemente tendo em conta os contextos sociais sem no entanto buscar estabelecer um padrão que indicia uma variante como superior ou a mais correta em relação a outra, pois todas elas servem até uma certa abrangência para permitir a comunicação entre os usuários de cada variante. A variação pode manifesta-se em diversos níveis, mas cabe ao presente artigo, abordar as seguintes de acordo com os interesses estabelecidos:

2. Variação fonético-fonológica

Entende-se de Timbane (2013) que a variação fonético-fonológica está relacionada as diferenças na pronúncia de palavras que variam de língua para língua, sendo assim, o PE e o PM seriam duas variantes da mesma língua e “No caso de Moçambique muitas formas de variação fonético-fonológica no português são resultado da influência das línguas maternas de origem bantu espalhadas um pouco pelo país. É através da variação fonética que percebemos se o falante nasceu no norte ou no sul do país” (Timbane, 2013, p.96).

A **Fonologia** encara o **fonema** como uma unidade acústica que **não é dotada de significado**. Isso significa que os **fonemas são** os diferentes sons que produzimos para exprimir nossas ideias, sentimentos e emoções a partir da junção de unidades distintas. Essas unidades, juntas, formam as **sílabas** e as **palavras**. A palavra “**Fonema**” representa as **menores unidades sonoras** que formam as palavras. Os **fonemas** são classificados em **vogais, semivogais e consoantes**. Essa classificação existe em virtude dos diferentes tipos de sons produzidos pela corrente de ar que sai dos nossos pulmões e é liberada, com ou sem obstáculos, pela boca e/ou pelo nariz.

Wilson (2016) em sua dissertação sobre a “Análise Autossegmental de Obstruintes no Português do Norte de Moçambique: um modelo de oposições privativas [\pm voz]”, aborda os modelos fonológicos conceituando apenas os modelos que iam de acordo com a tese defendida, fazendo apenas menção a teoria da fonologia estruturalista, da fonologia generativa, da fonologia auto-segmental e da geometria de traços, a seguir apresentam-se-ão conceitos levantados pelo autor mas somente em teorias que alavancaram a presente pesquisa. Entendamos estes conceitos a seguir:

➤ **Fonologia estruturalista**

A fonologia estruturalista “alicerça-se na noção de fonema enquanto entidade abstrata de base fónica capaz de distinguir vocábulos de significados diversos. A par desta, figuram os conceitos de oposição, distintividade e par mínimo como noções importantes neste modelo teórico” (Wilson, 2016, p.28.).

O autor cita dois linguistas russos da Escola de Praga (Círculo Linguístico de Praga), Roman Jakobson (1896-1982) e Nikolai S. Trubetzkoy (1890-1938) como individualidades que encarregaram-se do estudo das **oposições distintivas** e do seu rendimento funcional que ditou o nascimento da nova ciência, a Fonologia. “Com estas oposições, foi possível constituir o inventário fonológico de línguas particulares”.(Goldsmith & Laks, 2010 apud Wilson, 2016).

➤ **Fonologia Generativa Clássica/Standard**

Para Wilson (2016) esta teoria enquanto corrente de inspiração mentalista, conhece duas aceções: (a) gramática implícita – enquanto regras implícitas presentes na língua do falante; (b) subdisciplina da linguística – enquanto unidade que se ocupa do estudo e descrição dessa componente da gramática implícita.

Como modelo fonológico, faz com que os fonólogos passem a interessar-se pela competência fonológica interiorizada pelos falantes - a competência linguística do falante nativo. A fonologia generativa é assim uma teoria que se ocupa *i.* Descrição da natureza das representações fonológicas — entendidas como sequências lineares de segmentos e de junturas; *ii.* Do inventário dos níveis de representação — reconhece-se um nível abstrato, que contém informação fonológica e morfológica, e um nível fonético; *iii.* Da definição de regras fonológicas — as regras se aplicam às representações fonológicas abstratas para derivar as representações fonéticas. Assim, “o trabalho do fonólogo gerativista consiste basicamente na busca de indícios relevantes para a elaboração de gramáticas

fonológicas que representam a competência fonológica dos falantes-ouvintes (...) ” (Wilson, 2016).

3.Noções de Língua Bantu

Para Leach (2010), o termo Bantu designa as línguas e cultura dos povos africanos, pode ser traduzido como “gente”, “pessoas”, “humanos” e tem sua origem na raiz lexical “ntu”, com o prefixo da classe nominal “ba”, os quais são bastante recorrentes nas línguas da família Bantu. Esse termo designativo foi inicialmente proposto por William Bleek (1862) e vem sendo, desde então, utilizado para se referir às línguas que pertencem à família linguística Bantu.

A hipótese segundo a qual as línguas Bantu são bastante aparentadas entre si pode ser comprovada pela percepção de que as diferenças entre elas são sempre regulares e sistemáticas mas isso não significa inexistência de diferenças principalmente na constituição fonético-fonológica. Por esta razão, ainda mesmo dentro de Moçambique, por este ser constituído por um grande leque de línguas maternas do grupo bantu, pode-se ainda perceber várias variantes do PM, como pode-se tomar por exemplo a variante falada por usuários do Ciwutee.



3.1.Ciwutee

Para uma abordagem mais objectiva da língua Bantu em causa, serão ressaltadas algumas das alegações do Ngunga e Faquir (2012) no seu livro sobre *Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*, onde afirmam que Ciutee ou Ciwutee, é a língua moçambicana falada na cidade e arredores de Chimoio, capital da Província de Manica e que segundo os dados do Censo de 2007, estimava-se em 259.790 o número de falantes de Ciwutee com idade igual ou superior a cinco anos (INE, 2010 apud Ngunga & Faquir,2012).

O Ciwutee (S. 13b) faz parte do grupo linguístico **Shona** (S. 10), na classificação proposta por Guthrie (1967/71).

Ngunga e Faquir (2012) afirmam ainda que dada a exiguidade de estudos dialetológicos do Ciwutee e o atual senso comum dos seus falantes em relação ainda à inteligibilidade do Ciwutee falado nas diferentes zonas da Província de Manica, para efeitos de padronização da ortografia desta língua, tomou-se para o seu estudo o Ciwutee falado na Cidade de Chimoio e arredores como referência sendo assim, tomou-se esta posição dos autores para fundamentar a escolha da

localidade de Marera como ponto estratégico para o presente estudo, pois a mesma se situa nos arredores da cidade de Chimoio e o Ciwutee é muito usada na comunicação diária daquela população. Segundo os mesmos autores, o sistema ortográfico do Ciwutee é composto por 5 vogais a semelhança do português. E o sistema ortográfico das consoantes do Ciwutee apresenta 33 consoantes como se ilustra no quadro a seguir:

Quadro 1: Sistema ortográfico das consoantes do Ciwutee.

Modo/lugar	Labial	Linguodental	Alveolar	Retroflexa	Palatal	Linguovelar	Velar	Glotal
Oclusiva	P		t		c		k	
	Bh		dh		j		g	
Implosivas	B		d					
Africadas		Pf	ts	tsv				
		Bv	dz	dzs				
Fricativas		Fv	s	sv	sh			h
			z	zv	zh			
Nasal	M		n		ny			
	Mh		nh				n'	
Vibrante			r					
Aproximante					y	w		

Fonte: Ngunga e Faquir (2012).

4. Opções Metodológicas

Para a concretização desta pesquisa, optou-se pelo método dedutivo como método de abordagem e para métodos de procedimento foram usados os métodos comparativo e misto (quanti-qualitativo), com maior destaque ao qualitativo e a mesma contou com a participação de 70 alunos da 9ª classe da escola secundária de Marera, no distrito de Macate, província de Manica. Esta amostra corresponde a 30% dos alunos inscritos na classe, que totalizavam 237 alunos na classe em alusão, dos quais 86 de sexo feminino e os restantes 151 de sexo masculino. Na seleção dos participantes deste estudo foram tidos em conta alguns requisitos, de entre os quais, todos deviam ser alunos da 9ª classe na escola supracitada e serem falantes das línguas Ciwutee e Português, tanto como L1 ou como L2. Deste modo, a seleção dos participantes foi por tipificação. Dos participantes, 43 eram do sexo Masculino e 27 do sexo feminino totalizando 70 participantes.

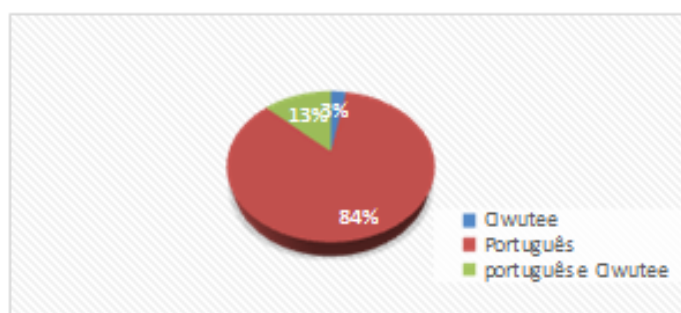
Para além dos alunos a pesquisa contou também com a participação de 5 professores que lecionam nesta classe como forma de ultrapassar uma das

limitações do estudo, prevista durante a projeção da pesquisa que resultou no presente estudo. Os mesmos são contabilizados pela sua fiabilidade nas entrevistas que propiciaram mais adiante o estudo dos sons que se propõem apresentar no presente artigo.

No referente as técnicas e instrumentos de recolha de dados, foram aplicados, (A) O inquérito – dirigido aos alunos era composto por um total de 54 questões, repartidas em 3 secções – *i.* Informação demográfica dos participantes (que confirmaria a moradia dos participantes, de modo a isolar somente os que vivem ao redor do centro com maior índice de uso da língua Ciwutee). *ii.* Inquérito sociolinguístico dos participantes (de modo a obter confirmação de que os participante eram usuários da línguas em questão, seja como L1 ou L2). e *iii.* Inquérito para tradução direta de palavras do ciwutee para o português (com vista a obter uma confirmação positiva de que os sons que se pretendiam analisar eram pertencentes a língua Ciwutee com base na sua representação gráfica); e (B) A entrevista – dirigida aos professores fluentes na língua Ciwutee, visto ter sido observados que muitos alunos têm dificuldade em ler palavras em Ciwutee.

Estas opções em relação as técnicas de recolha de dados foi baseada na observação directa inicialmente feita pelo pesquisador, em que constatou inicialmente que os usuários de Ciwutee, principalmente nesta faixa etária, tinham muitas dificuldades em ler em sua língua materna, por esta razão, a seleção das técnicas tomaram estes contornos. Esta alegação é comprovada pelos resultados obtidos no gráfico quando os inqueridos tiveram que responder em relação as línguas em que leem, abaixo apresenta-se o gráfico que melhor elucida as margens:

Gráfico 1 : Percentagem relativa a (s) língua (s) em que o inquerido lê.



Fonte: O Autor (2023).

4.1. Análise e discussão de dados

Para melhor entendimento desta secção do artigo, apresentar-se-á com primazia os resultados obtidos do inquérito, pois dela depende boa parte do que será apresentado. As palavras seleccionadas para o inquérito, não obedeciam de forma alguma à alguma categoria gramatical da língua em causa, podendo assim serem observados facilmente nos resultados, a presença de verbos, substantivos, adjetivos, etc. A particularidade que se pretendia buscar das mesma é que elas fossem o mais detalhistas possíveis em relação à composição fonético-fonológico das palavras em Ciwutee, permitindo a exploração minuciosa dos sons desta língua, sendo assim, no quadro que se segue, apresenta-se os resultados obtidos, obedecendo a representação estatística das suas frequências, tanto a absoluta quanto a relativa da tradução com maior correspondência.

Tabela 1 - Resultados de maior incidência na tradução directa das palavras do Ciwutee.

Palavra em Ciwutee	Tradução com maior correspondência	Número de correspondências	Correspondência percentual (%)
Baba	Pai	70	100%
Bvute	Sombra	70	100%
Bwarara	Bruto	52	74%
Bhuku	Livro	70	100%
Ciro	Coisa	67	96%
Dako	Nádega	65	93%
Dhumbe	Inhame	70	100%
Dzedze	Azar	62	89%
Dzvenga	Doente mental	36	52%
Kudzvika	Saltar	70	100%
Famba	Andar	70	100%
Gore	Ano	69	99%
Hanzu	Camisa	65	93%
Jeko	Foice	46	66%
Khamba	Leopardo	38	54%

Kumba	Em casa	69	99%
Muwoko	Braço	39	56%
Mwari	Deus	51	73%
Mheni	Trovoada	65	93%
Nungo	Preguiça	68	97%
Nhamo	Sufrimento	64	91%
Nyika	País	36	52%
N'nga	Curandeiro	60	86%
Pangu	No meu/na minha	62	89%
Phanda	Tronco de Suporte	48	69%
Pfuti	Arma	67	96%
Phwataphwata	Lamacento	40	57%
Rombe	Pobre	50	71%
Saku	Saco	64	91%
Svingo	Feixe/molho	51	73%
Shango	Capim	64	91%
Kuswera	Entardecer	64	91%
Tamba	Dançar	58	83%
Tsamba	Carta	39	56%
Thambe	Rio/lago	64	91%
Uthwiro	Gergelim	61	87%
Vunga	Força	61	87%
Kuwara	Estender	68	97%
Murwhere	Doente	63	90%
Kutiya	Lavrar	55	79%
Zino	Dente	70	100%
Zviro	Coisas	68	97%
Zhonje	Caniço	32	46%
Zhwedu	Nosso	62	89%

Kuzwa	Ouvir	67	96%
-------	-------	----	-----

Fonte: O Autor (2023).

Dos resultados alcançados, foram codificados os de maior correspondência observando que as mesmas expressam com maior segurança a possibilidade de que correspondam a tradução aceita para as palavras apresentadas. Esta opção foi tomada com vista a não se discutir no presente trabalho, questões de ordem semântica, pois, como se tem referido, a tradução seria levada a cabo como um ato de reconhecimento das palavras como pertencentes a língua Ciwutee, observando as limitações da população e conseqüentemente da amostra do estudo.

4.2. Transcrição fonética e classificação dos sons

O caminho que se toma para se chegar a conclusões que interessam ao estudo começam a ganhar forma quando por conclusão, se observam que todas as palavras apresentadas no inquérito tiveram correspondência positiva por parte da amostra, tendo cada uma delas, anteriormente apresentadas, uma frequência alta de ocorrência.

A representação simbólica dos sons a serem apresentados nesta parte do trabalho foi feita observando o IPA na sua versão revista em 2015, observando também alguns conceitos levantados por Mutsuque (n.d.) no sentido de haver mais clareza entre os símbolos usados e o IPA. Para se chegar a classificação apresentada, foram observadas a classificação dos sons presentes no IPA, a classificação do sistema ortográfico proposto por Ngunga e Faquir (2012) e a classificação dos sons da língua portuguesa apresentada por Mutsuque (n.d.), e desta forma foram alguns sons mantidos nas suas classificações de acordo com o observado nessas obras e outras foram reposicionadas, mas tudo foi feito de acordo com as suas características de produção dos sons em contraste com os sons apresentados nessas obras.

Quadro 2 : Classificação dos sons consonânticos do Ciwutee quanto ao vozeamento, ponto e modo de articulação.

Ponto/ Modo	Bilabial			Labio- dental	Alveolar		Labio- alveolar	Alveola r retrofle xa	Palatal	Labio velar		Velar		Glotal
	N. aspi.	Aspi			N. aspi.	Asp i.				N. asp i.	Aspi.	Na aspi.	Aspi.	
Oclusiva	-v0Z +v0Z	p b	p ^h		t d	t ^h						k g	k ^h	
Implosiva	+v0Z	ɓ			ɗ									
Africada	-v0Z +v0Z			pf bv	ts dz			dzv	tʃ dʒ					
Fricativa	-v0Z +v0Z			f v	s z		ʃv zv		ʃsw ʒ zw					?
Nasal	+v0Z	m mw	m ^h		n n ^h				ɲ			n ^ˀ		
Vibrante	+v0Z				R r									
Aproximante	-v0Z +v0Z	phwbw			thw					w w ^h				

Fonte : O autor (2023).

4.3. Alfabeto fonético Ciwutee vs Português

A co-ocorrência da língua portuguesa com as demais línguas moçambicanas não se pode presumir de forma passiva, pois desde a declaração da língua portuguesa como a língua oficial e de administração, a norma ensinada sempre foi a variante do PE e esta concepção foi transportada até aos dias atuais. As escolas moçambicanas aceitam e ensinam o uso da variante do PE em detrimento de qualquer outra variante, apesar da situação linguística de Moçambique e de estudos recentes indicarem uma forte presença de uma variante mais moçambicanizada.

Esta forma de encarar esta variante em relação à situação linguística do país é de certa uma atitude negativa, observando que a língua portuguesa é a L1 da minoria populacional, sendo a maioria falantes de línguas nacionais. Para o caso específico da língua em estudo, muitas das vezes os alunos são induzidos senão obrigados a afluírem na variante do PE mesmo que não seja do seu domínio. A língua portuguesa em relação aos falantes desta língua, é uma língua, em primeiro, que não apresenta maior parte dos sons apresentados na sua L1. Observa-se a seguir este contraste com base nos sons que ocorrem na língua portuguesa:

Quadro 3: Alfabeto fonético e classificação do PE

Modo/ponto		Bilabial	Labio dental	Linguo dentais	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva		p b		t d			k	
Constritiva							g	
Fricativa			f v		s z	ʃ ʒ		h
Nasal		m			n	ɲ		
Líquidas	Laterais				ɫ l	ʎ		
	Vibrantes				ʀ ʁ			

Fonte: O autor (2023).

Enquanto o alfabeto fonético do português apresenta 20 sons consonantais, o alfabeto fonético do Ciwutee apresenta 43 sons, o que faz com que alunos com a L1 o Ciwutee, tenham em sua competência linguística conhecimento de mais sons consonantais que os alunos com a L1 a língua portuguesa. Havendo estas limitações fonético-fonológicas na língua portuguesa, sendo ela imposta, muitos dos alunos de forma intuitiva reproduzem sons presentes na sua L1 enquanto fazem uso da L2.

4.4. Sons implosivos e sons aspirados no Ciwutee

Um outro ponto, relativo aos sons da língua Ciwutee é a presença de sons implosivos, determinados pelo modo de articulação. Embora previstos no IPA, na língua português não se verificam estes sons, pelo menos não nos dialetos de Portugal, mas no português brasileiro, alguns autores apontam para a presença dos sons implosivos /b/ e /d/, cujos mesmos foram identificados na língua Ciwutee nas palavras BABA e DAKO por exemplo.

Os sons implosivos ou ingressivos implosivos são considerados por Viaro (n.d.), como sons em que ocorre uma espécie de inalação de ar que é obstruída e

não chega aos pulmões. Ela ocorre com a glote parcialmente aberta. Inspira-se o ar, seguida de uma oclusão da cavidade oro faríngea e em seguida abre-se a oclusão.

Em frases orais como:

- a) *Ndi dama yango.* ['ndi dame yãgu]

Torna-se possível verificar a transporte de sons implosivos do Ciwutee para vocábulos do português e posteriormente eles podem ser adotados recorrentemente na língua portuguesa por estes falantes. Este caso sucede-se devido a grande presença de sons verificados no Ciwutee, com isso em alguns caso, como o das aspiradas elas podem ocorrer em palavras da língua português em substituição dos seus correspondentes oclusivos, e isto por vezes acontece também com a troca da bilabial oclusiva /b/ pela bilabial implosiva /b̥/.

Falar dos sons aspirados é um caso um bocado diferente de falar das implosivas. Os sons aspirados são aqueles que têm uma co-articulação com a oclusiva glotal e uma outra articulação na cavidade oro faríngea gerando um som ejetivo, que, como visto, é representado pelo símbolo /som^h/ no quadro classificatório e as suas propriedades de transporte e emprego, deste tipo de sons é muito semelhante com o das implosivas e estes dois conjuntos de sons, são os mais identificados em falantes, especificamente, alunos que falam a língua portuguesa sendo sua L1 o Ciwutee, onde se sucede recorrentemente mas não de forma definitiva a troca de sons na língua portuguesa por sons implosivos e por sons aspirados.

4.5. Troca da líquida lateral // ou / ɬ/ pelas líquidas vibrantes /R/ ou /r/

Decorrente de sistemas alfabéticos diferentes entre o português e o Ciwutee, muitos se interessam em entender, porque ocorrem as trocas entre líquidas laterais por líquidas vibrantes. Uma das possíveis respostas comprovadas para esta questão, é levantada aqui graças ao inquérito apresentado a amostra do trabalho. Durante a auscultação aquando da elaboração do inquérito, não houve registos de palavras produzidas com a presença das líquidas laterais // ou / ɬ/, o que dá indícios fortes de ausência deste sons na língua Ciwutee.

Os sons líquidos laterais na língua portuguesa, formam par consonantal com as líquidas vibrantes, permitindo assim o reconhecimento de ambos os sons. Para o caso do Ciwutee, se manifesta de forma diferente pois a mesma se dá sem a ocorrência das líquidas vibrantes, causando assim um déficit pela ausência do par

deste som que seria responsável por manter o reconhecimento do som como pertencente a língua Ciwutee e passível de ser aplicado a língua portuguesa. Em muitos casos é possível escutar alunos/falantes pronunciarem:

(a)Panera no lugar de Panela

(b)Râmpada no lugar de Lâmpada

(c)Raranja no lugar de laranja;

(d)Bora no lugar de bola; etc.

Estas ocorrências, tem tido maior impacto no seio dos ouvintes por elas ocorrem na L2, em que os falantes-ouvintes têm uma noção diferente da sua ocorrência e estes casos reforçam a ideia do pareamento consonantal por vozeamento em que a fonologia fica de certa ligada a natureza do vozeamento ligado e estabelecido pelas consoantes em que as pareadas entre + e – vozeadas, equilibram os efeitos de reconhecimento de sons pareados, produzidos no mesmo ponto e modo mas um com a presença e o outro com a ausência da vibração das cordas vocais. Em casos como este no Ciwutee, estas ocorrências tornam-se determinantes na identificação de particularidades fonológicas.



Considerações finais

A pesquisa que tinha por objetivo estudar como se processa a variante do português falado por alunos da 9ª classe falantes do Ciwutee, identificando suas causas e comportamento, com a busca por entender esta questão, foi possível comprovar que esta forma em específico, é resultado primário dos vocábulos da L1 da maioria dos alunos, que pressupõe-se serem em primeira instância de ordem fonética, ou seja, assim como a maior parte das línguas do mundo, ela foi processada a nível da pronúncia, ganhando forma gráfica/escrita com a realização de estudo e apresentação das primeiras propostas do sistemas ortográfico.

A língua Ciwutee em coabitação com a língua portuguesa, propicia uma pronúncia típica ao português identificado nos falantes da região, pois ela é ocasionada pela presença de um número relativamente superior de sons que em língua portuguesa não são identificáveis e isto faz com que os falantes apresentem em sua competência maior articulação de sons, que em casos, auxiliados pela presença de pontos e modos de articulação que na língua portuguesa não ocorrem, faz com que estes falantes na produção de sons na língua portuguesa possam

usufruir dos mesmos de forma indevida para produção de sons que ocorrem nos pontos próximos da articulação dos sons da língua portuguesa.

Para um caso mais comum, podem ocorrer trocas consonantais na variante utilizada por falantes do Ciwutee, ocasionadas pela ausência de certos sons consonantais na língua Ciwutee. As particularidades apresentadas pelo alfabeto Ciwutee faz com que os seus usuários ao expressarem-se oralmente em língua portuguesa, transportem tais particularidades para a língua portuguesa, ocasionando uma variante, por exemplo, sem a presença da líquida /l/, com a presença de sons atípicos resultantes da desproporcionalidade dos pontos e modos de articulação, com isso a fonética e fonologia desta variante da Língua portuguesa, poderá incorporar sons da língua Ciwutee.

REFERÊNCIAS

- Castilho, A. T. (n.d.). **Saber uma língua é separar o certo do errado?**. Museu da língua portuguesa. São Paulo.
- Dias, H. N. (2009). **A norma padrão e as mudanças linguísticas na Língua Portuguesa nos meios de comunicação de massas em Moçambique**.
- Leach, M. B. (2010). **Things hold together: foundations for a systemic treatment of verbal and nominal tone in plateau shimakonde**. 435.p. Tese de doutoramento. Universidade de Leiden. Faculdade da humanidade. Leiden.
- Mutsuque, J. A. (n.d.). **Linguística Geral**. Beira. Universidade Católica de Moçambique-Centro de Ensino à Distância.
- Ngunga, A. & Faquir. O. G. (2012). **Padronização da ortografia de línguas moçambicanas: relatório do III Seminário**. Maputo, Centro de Estudos Africanos/UEM.
- Ngunga, A. (2007). **A Intolerância linguística na escola moçambicana**. In: Laboratório de Estudos sobre a Intolerância da FFLCH. São Paulo: USP.
- Timbane, A. A. (2013). **A variação e a mudança lexical da língua portuguesa em Moçambique**. Tese de doutoramento. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara.
- Viaro, M. E. (n.d.). **O alfabeto fonético internacional (IPA) - Fonologia do Português**. São Paulo.

Wilson, F.D. (2016). **Análise Autossegmental de Obstruintes no Português do Norte de Moçambique: um modelo de oposições privativas [±voz]**. Dissertação. Universidade de Porto – Faculdade de Letras. Portugal.

Recebido em: 12/10/2023

Aceito em: 12/04/2024

Para citar este texto (ABNT): OSSUFO, Amade Assane; DIAS, José Luís. A variante do português falado por falantes de língua materna ciwutee: caso de alunos da 9ª classe na ESG de Marera – Macate. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.4, nº 1, p.185-202, jan.-abr. 2024.

Para citar este texto (APA): Ossufo, Amade Assane; Dias, José Luís. (jan.-abr. 2024). A variante do português falado por falantes de língua materna ciwutee: caso de alunos da 9ª classe na ESG de Marera – Macate. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 4 (1): 185-202.